



## A infância e o olhar (des)construtor do passado em *O livro do deslembramento*, de Ondjaki

Publicado por Ondjaki em 2022, **O Livro do Deslembramento** é um romance de tom fortemente autobiográfico que traz marcantes faces e fases da infância do autor em Luanda, nos anos 1980. A obra remonta ao final da primeira infância até as proximidades do início da adolescência, que na obra correspondem ao curto período de paz do pós-independência de Angola até o início da Guerra Civil. Em diversas ocasiões, os relatos do livro se delinham entre fatos e afetos, transparecendo os pontos de vista do narrador-protagonista, que se mostra bastante consciente das distinções entre as relações de adultos e crianças com a memória.

A linguagem da obra traduz equilíbrio entre a oralidade e a norma escrita, as quais se concretizam, por exemplo, na ausência de pontos

finais e nas sensatas e humanizantes grafias das marcas de oralidade no livro, inclusas as provenientes de outros idiomas. Isso pode ser interpretado como uma busca simbólica pela harmonia entre as sociedades de bases orais e aquelas de bases escritas. Ligado a tal aspecto, a constituição dos capítulos se dá ao redor de conjuntos de fatos conexos entre si e captados por um olhar infantil, mas que certamente foram moldados bem depois e afetados pelas modificações do tempo e das violentas batalhas presenciadas na cidade.

No livro em pauta, as narrativas do pequeno “Ndalú” exploram espaços familiares, como a casa de seus pais e os quintais de seus parentes e vizinhos, locais onde ele e sua irmã, “Tchissola”, viveram várias de suas aventuras. A reconstituição do espaço é feita por

mecanismos da memória, de forma bastante fidedigna ao que foi marcante para a infância do narrador. Acontecimentos do cotidiano familiar, ou relativos às dores das primeiras idas à escola são bastante presentes nessa obra, que vai muito além dos parâmetros esperados de um livro de memórias. Juntamente à vida escolar, vêm as agonias dos castigos de palmatória e as mentiras inventadas pelas crianças para se defender dessa arcaica e cruel prática, em um movimento de burla e exposição de suas ineficácias.

Ao longo do livro, o convívio com os familiares do protagonista é uma peça chave na formação das diversas histórias contadas, que revelam costumes e maneiras de viver e dizer bastante típicas de Luanda. O hábito de ver novelas brasileiras na televisão é trazido para o livro juntamente com amostras dos poderes de moldagem que elas tinham sobre o imaginário e a fala dos angolanos, algo levemente semelhante ao que décadas antes ocorreu entre as literaturas brasileiras e angolanas. Não obstante, discussões sobre a carência de recursos energéticos de Angola aparecem junto a esse costume, situação a qual a prosa de Ondjaki eleva ao patamar de modificador dos sonhos daquelas pessoas, que precisam praticar a resistência até mesmo a nisso.

O desabastecimento em Luanda antes do início das batalhas é apresentado pelo jovem narrador por intermédio da falta de certos bens de consumo, como refrigerantes e sucos artificiais nos comércios. Sua perspectiva de criança permite-lhe testemunhar, porém não entender, algumas privações enfrentadas pelo “Tio Ndunduma”, “Ton ton” e “Pimpó”, os quais frequentemente apareciam em sua casa na hora das refeições, um sinal de necessidade. Essas situações trazem um humor bastante humano e algumas manias dessas personagens, como a expressão “vou virar computador básico” dita por “Ndunduma”, ao ir embora de algum lugar. Todas essas coisas são lembradas e reconstruídas com equilibradas nostalgias da infância do pequeno “Ndalú”, fase cujo final se confunde com as

bruscas mudanças que viriam sobre seu mundo por conta da guerra.

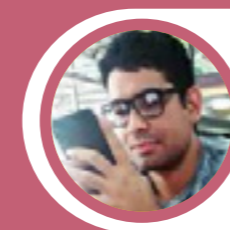
Conforme o livro se desenrola, é revelada ao leitor a ausência de uma trama a ser seguida e findada, um bom contraponto à visão ocidental de que o tempo precisa chegar a um final (PAZ, 1984, p. 34). Todos os episódios são narrados em estreito acordo com os interesses predominantes dos temas propostos ao longo dos capítulos, que é a construção da memória como um procedimento, dotado de fases e variantes que incidem uns sobre os outros. Desse modo, o romancista revisita não somente os espaços junto ao seu personagem, mas volta aos humores e às sinestésias que de certa forma habitam os centros de cada um de seus relatos.

Neste seguimento, podemos apontar a ausência de títulos e subtítulos como uma forma de libertar o leitor de suas sensorialidades próprias para embarcar nas sensações compartilhadas pelas personagens. Para isso é necessário praticar o “deslembramento” ao longo da leitura, ato que necessariamente precisa desse nome – pois é de difícil e rara realização – bem como de ser apropriadamente executado. Descobrir-se nas memórias e sinestésias desse livro é uma grande lição para escapar das armadilhas que deturpam e sequestram nosso passado para seus próprios fins, a exemplo da praga reacionária. Frente a isso, **O livro do deslembramento** surge com a força de um guia que nos ensina a manter nossas identidades a salvo, para que possamos aprender como ser a voz narradora em nossas mentes e estar no papel de intérpretes daquilo que vemos, dentro e fora de nós.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ONDJAKI. **O livro do Deslembramento**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.

PAZ, Octávio. **Os Filhos do Barro**: do romantismo à vanguarda. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.



### Paulo Sérgio Borges David Mudeh

É professor em uma escola da zona rural de Alto Araguaia-MT e doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL/UNEMAT). Leitor de literatura desde sempre, acredita no poder da palavra poetizada e na força transformadora da educação.

paulo.mudeh@unemat.br